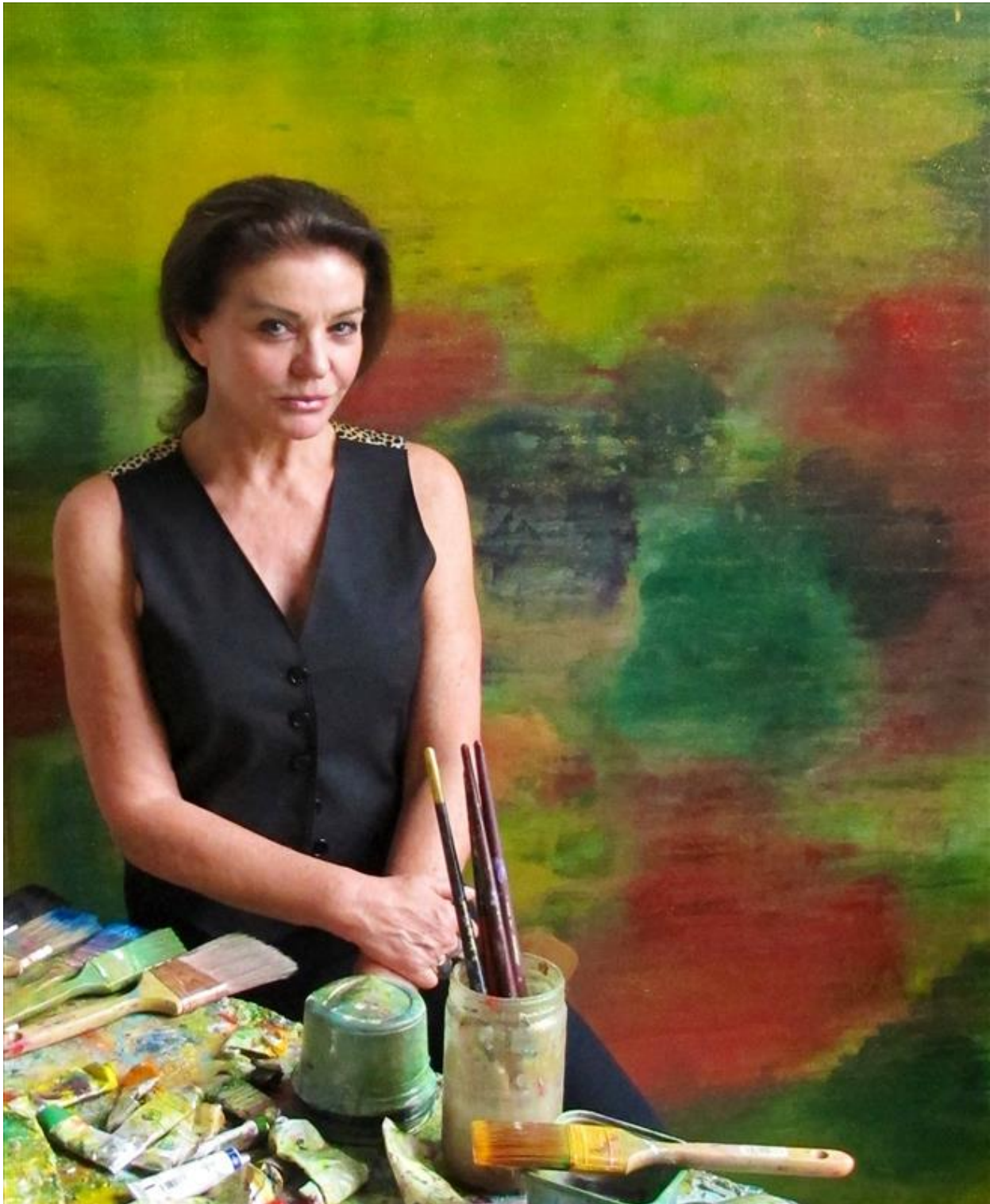


## Jornal Minuano - Bagé/RS - Notícia - Sylvia Martins: do pampa para o mundo



Saída do pago de Bagé, ainda muito jovem, Sylvia Martins ganhou o mundo. A artista pode se gabar de ter no currículo experiências das mais diversas, que a levaram a Bali, na Indonésia, aos mais restritos círculos da arte de Nova York e até mesmo a Hollywood. A sua obra mais importante é vida,

que construiu em uma tela cheia de aventuras, romances badalados, amizades célebres e passagens interessantes.

Sylvia cresceu pelos campos da estância do pai, criador de cavalos crioulos. Dessa época, ela guarda boas recordações. "Foi muito bom. Eu e meus irmãos, Cláudio e Felipe, éramos muito felizes. Aprecio o pôr do sol do Pampa, é lindo. Bagé é linda e o campo das estâncias bajeenses é inigualável", comenta.

Aos 14 anos, já era apreciadora de arte. Foi ao mudar para o Rio de Janeiro, para o Colégio Sacré-Coeur de Jésus, que começou a levar o que até então era um hobby, como possibilidade de profissão. Sylvia recorda que, no final dos anos 60, o melhor lugar para estudar era em um curso no Museu de Arte Moderna (MAM). "Lá tive o privilégio de estudar com Ivan Serpa, um dos grandes pintores brasileiros", conta. Nessa época, também conheceu o conterrâneo Glauco Rodrigues e chegou a frequentar o atelier dele.

Após construir sua reputação no meio artístico carioca, decidiu mudar de ares. Chegou a hesitar entre Nova York e Berlim, já que adora o movimento Neoexpressionista alemão. Mas por fim, a metrópole norte-americana venceu e, assim, em 1979, mudou-se para os Estados Unidos. "Tive a sorte de conseguir um contato com o estúdio do Andy Warhol, o Factory, e decidi que Nova York seria o meu pouso por um tempo. Através do Andy, conheci muitos artistas renomados, como Jean Michel Basquiat, Keith Haring, Kenny Scharff", relembra.

Ela conta que uma de suas diversões durante o primeiro período na cidade, eram as noitadas na famosa boate Studio 54. "A vida noturna era bastante animada. As festas eram sempre em boates e você encontrava todo tipo de gente, e certamente bastante artistas como o Andy e sua turma", relata.

### **Richard Gere**

A bajeense não gosta de falar sobre o romance com o ator Richard Gere, um dos galãs do cinema norte-americano. Os dois permaneceram juntos por cerca de oito anos. Segundo ela, as pessoas colocam seu antigo casamento acima de suas conquistas individuais, como sua projeção no mundo artístico. "Ah, faz tanto tempo, é até cafona falar disso. Seria muito triste, quando eu morrer, os jornais publicarem apenas que a ex-mulher do Richard Gere faleceu. Olha, nem posso te dizer o que mandaria essas pessoas fazerem, porque pegaria mal publicar", brinca Sylvia.

### **Correndo pelo mundo**

Ao encontrar seu primeiro estúdio, a bajeense decidiu estender a estadia. Ela ainda mora na "cidade que nunca dorme", dividindo seu tempo entre os Estados Unidos e o Rio de Janeiro, onde também fez seu lar. A única exceção foi a época em que morou com o segundo marido, o filho do armador milionário grego, Stavros Niarchos, Constantine Niarchos (falecido em 1999), em Londres, onde ficou por quatro anos. "Ainda moro aqui (a artista concedeu entrevista por e-mail, direto de Nova York), mas passo três ou quatro meses no Brasil todo o ano", diz.

E ainda hoje ela tem laços com a terra natal. Ao menos uma vez por ano visita a família em Bagé, especialmente durante o verão. Às vezes, estica a visita até o país vizinho, Uruguai, para veranejar em Punta del Este.

Entre as diversas viagens que fez, e todas as partes do mundo que conheceu, ela tem suas preferências. "Adoro países exóticos. Durante os anos 80, passava bastante tempo em Bali, um lugar que me inspirou muito. Talvez o meu canto preferido no mundo, até hoje", conta.

Mas o próprio Brasil abriga lugares exóticos, que atraíram os olhos da artista. A Amazônia é um destes locais. "Em julho tive o privilégio de visitar a floresta amazônica. Que maravilha! Certamente um dos lugares mais impactantes que estive no mundo. O Rio Negro é magnífico. É um lugar único", diz.

### **Trabalho**

A artista comenta que apesar de continuar produzindo, a década de 80 foi o ponto alto de sua carreira. "Naquela época havia muita oportunidade para exposições. Eu expunha pelo menos três vezes ao ano. Hoje certamente não é mais assim", observa.

O trabalho foi exposto, inclusive, no Rio de Janeiro, no Centro Cultural dos Correios. Até hoje, entretanto, os conterrâneos ainda não tiveram a oportunidade de conhecer seu trabalho de perto. Mas ela não descarta a possibilidade de, um dia, poder mostrar suas telas para os bajeenses. "Nunca tive a oportunidade, mas gostaria muito", revela.

E para desacelerar das correrias do dia a dia, ela procura ocupar o corpo e esvaziar a mente com longos nados no mar de Ipanema e praticando yoga. Diferente da maioria das profissões, seu trabalho também é fonte de relaxamento. "Quando estou num momento de criação, também me sinto mais relaxada. Pintar é o meu karma. Sem criar acho difícil viver", garante.

Por: Melissa Louçan